



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

15,16 e 17 de junho 2013



DIÁRIO CATARINENSE

CINCO DESAFIOS

Educação para o século 21



Para levantar a discussão sobre os desafios para uma educação de qualidade, a segunda fase da campanha do Grupo RBS e da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho A Educação Precisa de Respostas traz como ponto de partida o tema: Educação Para as Crianças. Uma das propostas é a discussão do modelo de educação para século 21. Com a visão de especialistas e as metas do movimento nacional Todos Pela Educação, foram traçados cinco grandes desafios. Mozart Neves Ramos, conselheiro do movimento, aposta que a essência da educação está em tornar a carreira do magistério um desejo.

- Falta um plano de carreira vinculado à formação continuada e aos resultados em sala de aula e não ao tempo de serviço - diz Mozart.

1 Professores do futuro

A preparação do professor para a sala de aula é o processo mais urgente e mais desafiador para o salto na qualidade da educação que se sonha.

Até alguns anos atrás, eram formados apenas no curso Normal - o equivalente ao ensino médio - e preparados para o magistério. Entretanto, viu-se a necessidade de as faculdades de pedagogia formarem aqueles que iriam pensar o futuro da educação. Muitos cursos de magistério foram deixando de existir.

- É por isso que até hoje a faculdade é muito mais teórica do que prática. Isso faz com que os professores cheguem na sala de aula e não se sintam preparados - diz Priscila Cruz, diretora-executiva do movimento Todos Pela Educação.

2 Qualidade versus quantidade

Na busca pelo equilíbrio entre a qualidade do ensino e a quantidade de tempo na escola, o professor é a peça mais importante. O movimento Todos Pela Educação entende que o tempo é importante, mas não quer dizer que haja a necessidade de turno integral para todos. As escolas com Ideb mais baixo devem ser priorizadas.

Eduardo Shimahara, que participou do projeto Volta ao Mundo em 12 Escolas em busca de histórias inspiradoras acredita que a aprendizagem não se dá mais no contexto da sala de aula formal. Eduardo lembra que quando visitou a Green School, na Indonésia, ficou surpreso na primeira vez que viu um professor de ciências correndo na floresta com várias raízes na mão e os alunos atrás dele:

- Ele disse que o papel dele era simplesmente fazer com que os alunos olhassem para a natureza.



Com currículo conectado à realidade do aluno, professor será o facilitador

5 Gestão educacional

Supervalorizar planos e deixar a execução a desejar é uma das características do Brasil, reforça Priscila Cruz. O sociólogo suíço Philippe Perrenoud acrescenta que países não costumam prever cenários.

- Que educação temos que dar para preparar para a vida? Sabemos o que o jovem vivenciará em 2035? Prever as competências que os jovens necessitarão no futuro é prever catástrofes. A escola só tem sentido se ela antecipar, apresentar cenários - disse, no final de maio, durante o 5º Congresso Internacional de Educação de Gramado, no RS.

3 Evasão escolar e repetência

O berço da repetência é a não-aprendizagem. Priscila Cruz diz que os anos finais dos ensinos fundamental e médio têm o currículo desconectado da realidade do aluno. O uso de tecnologia pode ser uma das saídas para uma aula mais próxima da realidade. Distribuir tablets pode ser uma boa prática, mas não vai resolver todos os problemas se o professor não estiver preparado para usar o equipamento:

- A sala de aula é uma rede de pessoas conectadas. Não tem mais espaço para o professor apenas empurrar conhecimento, ele tem de ser um facilitador - diz Eduardo Shimahara.

4 Família comprometida

Para tornar a educação mais consistente é preciso que a sociedade e a família se engajem. Sem isso, não tem como convencer prefeitos e governadores.

- As pessoas deveriam evitar reeleger quem fez má gestão na educação. Uma sociedade que valoriza a educação participa da escola e atua em casa para complementar o trabalho do professor - argumenta Priscila Cruz, do Todos Pela Educação. As escolas que vão melhor no desempenho dos alunos no relatório do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) são as que trabalham o ambiente em torno da instituição.



Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Geral

Data: 17/06/2013

Assunto: Temos que sair desse currículo enciclopédico

Página: 29

DIÁRIO CATARINENSE

“Temos que sair desse currículo enciclopédico”

CAROLINA BAHIA e KLÉCIO SARTUS

É no nono andar do prédio do Ministério da Educação (MEC) que o ministro Aloizio Mercadante despacha, mas ultimamente tem sido visto com frequência no Palácio do Planalto, em reuniões com a presidente Dilma Rousseff. É figura constante também nas viagens presidenciais. Sua projeção junto ao staff de Dilma é recente. No começo do governo, Mercadante ocupava o ministério da Ciência e Tecnologia, mas à frente da pasta colocou em pé o programa Ciência sem Fronteiras, hoje uma das joias do governo. É Mercadante quem vem costurando os apoios à reeleição de Dilma, sendo responsável direto pelo retorno do PR e do PTB ao governo.

Embora seja a articulação política que o seduza, Mercadante mantém um estilo professoral quando o assunto é educação. Municiado de dados – brinca que a presidente gosta de números com nove casas depois da vírgula –, mantém ao lado de seu gabinete um totem com um programa com todas as informações do ministério. A situação de uma creche no interior do país está ao alcance de um clique no mouse. Apesar da desenvoltura, é a discricão que tem feito o ministro galgar degraus no coração da presidente. Hoje, comenta-se, que é o único com coragem de discordar de Dilma, mas jamais em público. É essa lealdade que o projeta como o futuro ministro da Casa Civil na próxima reforma. Mas, até lá, toca o ministério com a ajuda de José Henrique Paim, o secretário-executivo, a quem não cansa de elogiar. Antes de embarcar com Dilma para um périplo por Portugal e Uruguai, recebeu o Diário Catarinense para uma conversa que durou uma hora. Era um dia tenso de mais uma das coletivas sobre dados do Enem. A fórmula para acalmar o ministro, contudo, a secretária do MEC já descobriu – todos os dias, no final da tarde, ela serve um chá de maracujá com gergelim. A seguir, os principais trechos da entrevista.



Mercadante: “Os alunos são digitais, e a geração de docentes, em geral, é analógica”

Diário Catarinense – O governo pretendia concluir um plano para o ensino médio ainda no início de junho. Qual é a perspectiva de lançá-lo?

Aloizio Mercadante – Estamos trabalhando fortemente com secretários estaduais e municipais para concluir no máximo em julho. O ensino médio é a maior dificuldade que temos na educação brasileira. É onde o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) mostra certa estagnação. Temos cerca de 8,5 milhões no ensino médio. E nos últimos 15 anos trouxemos cerca de 5 milhões de estudantes a mais. A inclusão é fantástica, mas há ainda 3,5 milhões de jovens de 15 a 17 anos que estão com a idade/série defasada, não estão no ensino médio como deveriam estar. Então o pacto que estamos fazendo com os secretários é não deixar nenhum jovem para trás. Temos que buscar quem está fora da escola.

DC – Qual é o gatilho para que o jovem não deixe a escola?

Mercadante – Em 2000, 54,9% dos jovens estavam atrasados. Hoje, 31,1%. Evoluímos bastante e continuamos com uma curva descendente. O abandono também está ligado à relação idade/série. Ele está estudando, aí começa a constituir família, a competir no mercado de trabalho, acaba abandonando a escola. Então, uma das opções que estamos oferecendo aos estados é o telecurso. É um modelo consagrado que ajuda a atingir esse público.

DC – Como está o programa de inclusão digital nas escolas?

Mercadante – Precisamos oferecer ferramentas para fortalecer as redes estaduais, onde estão 88% dos alunos do ensino médio. Por exemplo, 600 mil professores de ensino médio estão recebendo tablets com material didático em PDF, aulas em vídeo, mais de 2 mil objetos pedagógicos, como mapas, tabela periódica, corpo humano... Incluem as aulas traduzidas do professor Khan (*O professor Salman Khan, que se tornou popular entre estudantes e educadores do mundo todo após divulgar na internet seu método*). Teremos também projetores digitais em todas as salas de aula. É um ambiente de internet em sala de aula com conteúdo digital embarcado.

DC – Certa vez, o senhor disse que tínhamos quadros negros do século 18, professores do século 20 e estudantes do século 21. Segue assim?

Mercadante – Os alunos são digitais e a geração de docentes, em geral, é analógica. A gente está começando pelo professor porque nada acontece em sala de aula sem ele. À medida que o



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

digital, os resultados vão ser melhores.

DC – O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa trabalha com uma meta de ensinar a ler e escrever até os oito anos. Não é muito tempo?

Mercadante – É de até oito anos. Porque nós vivemos em um país muito heterogêneo. Se você pegar os dados de Paraná e Santa Catarina, em que 5% das crianças não sabem ler até os oito anos de idade, e dizer que esses estados vão reduzir para sete, seis anos de idade, é bastante razoável. Só que você tem de comparar isso com estados como Alagoas, em que 35% das crianças não conseguem aprender a ler e escrever até os oito anos na escola. Maranhão, 34%, Pará, 32%. A média é 15%, mas a diferença é muito grande entre o Sul e o Norte. Se nós conseguirmos que todas as crianças aprendam a ler e a escrever no Brasil até os oito anos, teremos feito uma revolução. O Pacto envolve uma bolsa de estudos para os 360 mil professores alfabetizadores, têm 15 mil monitores. Temos 38 universidades trabalhando neste programa e todo material pedagógico docente e para as crianças integrado para as três primeiras séries. É o programa em que nos baseamos para o ensino médio.

DC – O que está sendo feito para valorizar os professores?

Mercadante – Nosso primeiro foco será dentro do próprio ensino médio. Há uma grande defasagem de professores de Matemática, Química e Física. Vamos fazer o programa Quero Ser Cientista, Quero Ser Professor. Neste ano, serão 75 mil bolsas para iniciação docente. Dessas, 10 mil são para Física, Química, Biologia e Matemática. Nessas áreas de exatas, estamos com menos de 3% das matrículas no ensino superior. Esse público é o foco no ensino médio. Temos 2 mil alunos medalha de ouro em matemática. Só que ele receberia uma bolsa apenas ao ingressar na universidade. Agora vamos dar bolsa já no ensino médio. O segundo foco é o redesenho curricular.

DC – Isso reduzirá o número de disciplinas?

Mercadante – Temos que sair desse currículo enciclopédico no ensino médio. São de 13 a 19 disciplinas em quatro horas e meia de aula. A nossa proposta é articular as disciplinas em torno das quatro áreas do Enem: Matemática, linguagem, ciências exatas e ciências humanas. Se o aluno está interessado no Enem, vamos usá-lo para dialogar com o currículo. Isso aumentará a jornada escolar em, no mínimo, cinco horas. Nunca teremos

educação de qualidade se não tivermos tempo integral.

DC – Os Estados conseguirão pagar os professores com essa carga horária?

Mercadante – A ideia é complementarmos o recurso para o ensino em tempo integral. No RS, já temos em 1.021 escolas estaduais e 857 do município. **Sobre o piso, é uma exigência indispensável para que se possa melhorar a educação.** O MEC reconhece que é um esforço pesado para os Estados e municípios, porque os reajustes vêm crescendo além das receitas. O caminho é enviar ao Congresso uma proposta de mudança no cálculo do piso, e votarmos neste ano. Ainda não temos estrutura para o ensino integral no Brasil. Para dar qualidade, carreira e salários dignos para professores, precisamos de mais recursos. E eu só vejo um caminho: os royalties do petróleo.

DC – É possível mensurar o impacto dos royalties na educação?

Mercadante – A exploração por 30, 35 anos apenas do Campo de Libra, que o governo colocou em licitação, **terá um impacto de mais ou menos US\$ 1 trilhão** na economia brasileira. Qualquer que seja a decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a partilha desse recurso, para frente tem muita coisa para ver. Pelo menos para os próximos 10 anos, vamos desenhar um objetivo estratégico de mudar a natureza do desenvolvimento brasileiro. Já somos a sexta economia do mundo, mas nunca seremos desenvolvidos se não resolvermos a educação. Segundo: o petróleo vai acabar. Precisamos criar um Brasil pós-petróleo. Nada mais lógico do que usar esse recurso para preparar o Brasil para a sociedade do conhecimento.



Aumentamos em 150% o número de vagas de ensino superior. Chegamos a 7 milhões. Sabe quantos querem entrar? Outros 7,18 milhões.

DC – Por que o senhor acha que algumas universidades ainda não usam o Enem?

Mercadante – As grandes universidades todas já aderiram ao Enem. Nós estamos aguardando. Cada faculdade gasta R\$ 5 milhões para fazer um vestibular próprio. Qual é a diferença entre vestibular e Enem? Isonomia. Quem tem dinheiro pode pagar cinco, seis, 10 taxas, pegar avião e sair fazendo vestibular pelo Brasil. Outra diferença: hoje o aluno pega a nota dele, senta no computador e vai ter 4 mil cursos no

Brasil para escolher, pelo Sisu. Se ele não entrou numa federal, vai ter 1,2 milhão de bolsas do ProUni, 905 mil contratos do Fies. Fora o Ciência sem Fronteiras, que ele só vai ingressar se fizer o Enem. E tomamos uma decisão radical: nenhum estudante mais será enviado a Portugal. A segunda língua será parte do aprendizado.

DC – Existe algum país cujo modelo de educação o Brasil se espelha?

Mercadante – Há diversos países com educação de excelência. A Finlândia, por exemplo, é uma referência, mas é um país pequeno. A Coreia do Sul também é um país pequeno. As boas práticas a gente sabe onde estão e dialogamos com elas. Há vantagens de nós sermos um país de capitalismo tardio. Tudo aqui acontece mais tarde, mas acontece mais rápido, porque a gente aprende com os erros dos outros. Exemplo: aumentamos em 150% o número de vagas de ensino superior. Chegamos a 7 milhões. Mas sabe quantos querem entrar? Outros 7,18 milhões só de inscritos no Enem. Quantos ingressam? Apenas 1,1 milhão. São 6 milhões que não vão entrar.

DC – E como fazer para promover a pesquisa?

Mercadante – O Ciência sem Fronteiras vai dar um salto com a parceria com grandes universidades. E como a crise na Zona do Euro é grande, há muitos talentos dispostos a vir para o Brasil. E nós temos de criar estruturas para receber esses pesquisadores, que hoje estão engessadas. Foram 20 anos de uma diáspora de cérebros. Seremos um ímã de atração.

DC – Como fica o MEC se o senhor for candidato ao governo de São Paulo ou ir para a Casa Civil, como se comenta?

Mercadante – Não existe nenhuma chance de eu ser candidato nessa eleição. O partido foi avisado. O presidente Lula foi avisado. Eu falei que faria o que fosse melhor para a presidenta Dilma e o melhor é eu continuar no governo. É o que ela acha e é o que eu farei. Acho que não tem nada mais honroso do que ser ministro da Educação de um país. É o maior desafio que nós temos é o que eu estou fazendo. Agora, se eu vou ocupar alguma outra função no governo, não adianta perguntar para mim. Você pergunte para a presidenta Dilma que eu tenho certeza que ela vai contar (risos).

DEFASAGEM NO ENSINO MÉDIO

Em 2011, foram reprovados 13,1% dos alunos de ensino médio no Brasil, e outros 9,5% abandonaram a escola. O 1º ano registrou a maior proporção de reprovações, com 18%.

PISO

Alguns estados argumentam que não conseguem pagar o piso de R\$ 1.567 e indexação pelo Fundeb.

VERBAS PARA A EDUCAÇÃO

Projeto de lei enviado ao Congresso pela presidente Dilma Rousseff e que destina 100% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social extraído da camada pré-sal para o financiamento da educação foi incorporado ao texto do Plano Nacional da Educação (PNE) – que prevê aplicação, até 2020, de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) na educação.

FALTA DE PROFESSORES

Uma pesquisa da Universidade de São Paulo (USP) constatou que 48% dos acadêmicos de Matemática e 52% dos estudantes de Física da instituição não desejavam ou tinham dúvidas sobre seguir a carreira de professor.

Confira em www.monstrinhosrbs.com.br mais detalhes sobre a campanha A Educação Precisa de Respostas, do Grupo FIBS e da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina	Editoria: Geral	Data: 17/06/2013
Assunto: 5 caminhos para construir a educação do futuro		Página: 14

JORNAL DE SANTA CATARINA

www.santa.com.br

5 caminhos para construir a educação do futuro

Reformular o jeito de ensinar é um dos maiores desafios da educação. Este fazer diferente já ocorre em diversas escolas, que têm provado que o método tradicional de ensino pode ter dado muito certo no passado, mas está longe de atender aos anseios de um universo no qual crianças crescem tendo as novas tecnologias como companheiras.

Para marcar a segunda fase da campanha do Grupo RBS e da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho A Educação Precisa de Respostas, foram elencados cinco eixos para motivar a sociedade em busca de educação qualificada.

O exercício foi baseado nas metas do movimento Todos pela Educação e realizado com a ajuda de especialistas.

Mozart Neves Ramos, conselheiro do movimento, aposta que a essência da educação está em tornar a carreira do magistério objeto de desejo. No Brasil, um professor ganha 40% do que recebem outros profissionais, segundo estudo do pesquisador Marcelo Neri. – Falta um plano de carreira, vinculado à formação continuada e aos resultados em sala de aula e não ao tempo de serviço – diz Mozart.

1- Professores do século 21

A preparação do professor para a sala de aula é o processo mais urgente e mais desafiador para o salto na qualidade da educação que se sonha.

Até alguns anos atrás, eram formados apenas no curso Normal – o equivalente ao Ensino Médio – e preparados para o magistério. Entretanto, viu-se a necessidade de as faculdades de pedagogia formarem aqueles que iriam pensar o futuro da educação. Muitos cursos de magistério foram deixando de existir.

– É por isso que até hoje a faculdade é muito mais teórica do que prática. Isso faz com que os professores cheguem à sala de aula e não se sintam preparados – diz Priscila Cruz, diretora-executiva do movimento Todos Pela Educação.

Finlândia: recrutar os melhores



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Os melhores sistemas de educação do mundo colocam os professores em igualdade com as demais profissões, estimulando o orgulho profissional. Para isto, atraem os melhores alunos para se tornarem professores, lembra o físico alemão Andreas Schleicher, responsável pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa). Países como a Finlândia recrutam professores a partir de uma nata dos 10% melhores graduados. Em segundo lugar, eles fazem com que sejam professores na prática, através, por exemplo, de treinamento em sala de aula, desenvolvimento de líderes escolares fortes e permitindo que os professores propaguem conhecimentos e inovações. Professores de Cingapura, lembra Schleicher, tem 100 horas de formação, desenvolvimento profissional pago integralmente a cada ano. Em terceiro lugar, os melhores sistemas de educação colocaram em prática incentivos e sistemas de suporte diferenciados para garantir que cada criança seja capaz de se beneficiar de excelente instrução. São professores que usam os dados para avaliar as necessidades de aprendizagem dos alunos e ampliam o repertório de estratégias pedagógicas.

O NOVO MESTRE

Especialistas traçam o perfil do docente para enfrentar desafios contemporâneos Estratégia eficiente

Profundo conhecimento daquilo que vai ensinar e estratégias didáticas eficientes e inovadoras para garantir que o aluno aprenda. Ter boa didática e capacidade de diálogo com os alunos.

Aprendizado constante

Ser antenado, disposto a aprender o tempo inteiro, o que inclui amplo domínio das novas tecnologias para melhorar a prática docente.

Ensino individual

Ter habilidades para tornar o ensino coletivo em algo individual. Para isso, precisa perceber na relação com a turma que certas práticas de ensino podem não estar funcionando para determinado sujeito. Tentar se aproximar dele, no corredor ou no bar do colégio, podem ser maneiras de descobrir os motivos de tais dificuldades.

Paixão por ensinar

A formação pode passar por métodos, inovação, mas tem uma característica que não se pode ensinar: paixão por aquilo que ensina.

Conectado ao mundo

Ser conectado. Isso não significa apenas estar na internet. O mundo e o conhecimento avançam em alta velocidade e não é possível estar atento a tudo o que acontece. Por isso, com humildade, o bom professor deve saber ouvir conselhos e informações compartilhadas pelos alunos.

Uma nova hierarquia

Praticar o desapego de posições. Cada vez menos, a sala de aula terá espaço para a relação de hierarquia tradicional entre aluno e professor.

Assumir a dúvida

Possuir formação sólida e humildade para dizer que não sabe certas respostas. O professor não pode ser uma enciclopédia ambulante, mas também não pode deixar o aluno sem respostas. A busca pode ser em conjunto.

Valores éticos

Entender que não é só passar conteúdo, mas passar valores para os alunos. Não se quer ter apenas um bom aluno, mas também um bom cidadão, com valores éticos, sociais e morais.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

2- Qualidade versus quantidade

Na busca pelo equilíbrio entre a qualidade do ensino e a quantidade de tempo na escola, o professor é a peça mais importante. O movimento Todos Pela Educação entende que o tempo é importante, mas não quer dizer que haja a necessidade de turno integral para todos. Os mais pobres e as escolas com Ideb mais baixo devem ser priorizados.

Eduardo Shimahara, que participou do projeto Volta ao Mundo em 12 Escolas, em busca de histórias inspiradoras, acredita que a aprendizagem não se dê mais no contexto da sala de aula formal. Engenheiro, lembra que a melhor aula do curso ocorreu no boteco:

– O professor de termodinâmica explicava como funcionava o circuito de calor no corpo humano no momento em que a pessoa ingeria a cerveja.

Eduardo lembra que quando visitou a Green School, na Indonésia, ficou estarelecido a primeira vez que viu um professor de ciências correndo no meio da floresta com várias raízes na mão e um monte de alunos atrás dele: – Perguntei o que era aquilo. Ele respondeu que o papel dele era simplesmente fazer com que os alunos olhassem para a natureza e falassem: “Uau”.

São Paulo: ao encontro do aluno

Em escolas como a Politeia, em São Paulo, é a criança quem escolhe o tema, e os professores vão fazer de tudo para que aquele assunto vire o centro do conteúdo. Eduardo cita o caso de uma menina apaixonada por pets, e essa paixão, comum a muitos da mesma idade, foi alimentada na escola. Assim, ela descobriu conceitos de cidadania, que tem gente que maltrata animais, que a primeira viagem ao espaço foi com a cadela Laika, em 1957, e que naquele período também ocorreu a Guerra Fria. Foram sendo trazidos exemplos e assuntos de acordo com o interesse do aluno. Isso também estimula que sejam feitas pesquisas em casa por conta.

3- Evasão escolar e repetência

O berço da repetência é a não-aprendizagem. Priscila Cruz diz que os anos finais dos ensinos Fundamental e Médio têm o currículo desconectado da realidade do aluno. Isso faz com que se distancie.

O uso de tecnologia pode ser uma das saídas para uma aula mais próxima da realidade. Distribuir tablets pode ser uma boa prática, mas não vai resolver todos os problemas se o professor não estiver preparado para usar o equipamento.

– A sala de aula é uma rede de pessoas conectadas. Não tem mais espaço para o professor que apenas empurra conhecimento, ele tem de ser um facilitador. Isso mexe com a zona de conforto, vai em cima da crença de que o professor é o centro das atenções – diz Eduardo Shimahara.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Silvio Meira, cientista-chefe do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (Cesar), não crê que só tecnologia seja capaz de mudar a qualidade:

– Esses mecanismos de que as pessoas aprendam sem questionar, sem refletir, são mediados por tecnologia. Tenho restrições quando as pessoas dizem que vão colocar tecnologia para mudar a qualidade da aula. Pode piorar muito.

Nova York: aprender jogando

Na Quest to Learn, escola pública de Nova York, os alunos aprendem desenvolvendo estratégias e criando os próprios jogos eletrônicos. A escola vive com os mesmos recursos que as demais, contando apenas com oito profissionais extras, especialistas em games e em currículo, que dão suporte aos professores. Os jogos são apenas um pano de fundo para apresentar conteúdos, como Física, História, Geografia. Se o jogo é sobre vikings, a criança vai se interessar em saber quem são eles. Perguntas como essas instigam as crianças a investigar. Para Shimahara, este é um exemplo de como trabalhar com as novas tecnologias e também tornar a aula mais atrativa, conectando a criança com o conteúdo de aula.

4- Família comprometida

Para tornar a educação mais consistente é preciso que a sociedade e a família se engajem. Sem isso, não tem como convencer prefeitos e governadores.

– As pessoas deveriam evitar de reeleger quem fez má gestão na educação, uma sociedade que valoriza a educação participa da escola e atua em casa para complementar o trabalho do professor – argumenta Priscila Cruz, do Todos Pela Educação.

As escolas que vão melhor no desempenho dos alunos no relatório do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) são as que trabalham o ambiente em torno da instituição.

Bom Princípio, Piauí: destaque nacional

A escola municipal Bom Princípio, no Piauí, não tem um único dono. É de todos. Localizada em Teresina, não tem biblioteca, nem laboratório de informática. Só existe um computador, sem internet. Mesmo assim, se tornou uma das melhores escolas públicas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental do país. No Ideb de 2011, teve nota 7,7.

O diferencial está, segundo a diretora pedagógica Iraneide Nascimento, na ajuda mútua entre os 329 alunos e seus pais, funcionários e professores. As responsabilidades pela educação são divididas. Os pais passaram a ajudar na manutenção e na limpeza da escola. No contraturno, as mães entram na sala de aula para ajudar no dever de casa.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

5- Gestão educacional

Supervalorizar planos e deixar a execução a desejar é uma das características do Brasil, reforça Priscila Cruz. O sociólogo suíço Philippe Perrenoud acrescenta que países não costumam prever cenários.

– Que educação temos que dar para preparar para a vida? Sabemos o que o jovem vivenciará em 2035? Prever as competências que os jovens necessitarão no futuro é prever catástrofes. A escola só tem sentido se ela antecipa, se apresentar cenários – disse ele no final de maio durante o 5º Congresso Internacional de Educação de Gramado.

Portugal: inovação na escola da ponte

A Escola da Ponte é uma escola pública portuguesa. O projeto teve início em 1976, uma das primeiras rupturas com a escola tradicional: alunos participam do processo de gestão e são realizadas assembleias nas quais trazem sugestões e soluções. Lá, a escola são as pessoas, e as pessoas são os seus valores. Os seus valores postos em prática são projetos, segundo o seu fundador, José Pacheco:

– Não era possível continuar tendo aula, prova, séries, isso é a escola do século 19. Na Escola da Ponte, não tem ano, diretor, turma, horário. É esta a integração que se espera para o século 21.

No Brasil, mais de 100 escolas se inspiram na Ponte. O criador participa em Cotia, em São Paulo, da implantação da Escola do Projeto Âncora, onde cinco professores cuidam de 400 alunos.

Confira em www.monstrinhosrbs.com.br informações sobre a campanha A Educação Precisa de Respostas



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Serviço	Data: 17/06/2013
Assunto: Preparação		Página: 36

DIÁRIO CATARINENSE

- **Preparação** - O prazo de inscrição para o processo seletivo do Pró Universidade foi prorrogado até 28 de junho para algumas cidades. O curso de preparação para o Vestibular é oferecido pela Secretaria da Educação de Estado, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária e apoio da UFSC. Mais informações estão disponíveis no portal www.prouniversidade.com.br.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Opinião da RBS	Data: 17/06/2013
Assunto: Ler e escrever		Página: 16

DIÁRIO CATARINENSE

LER E ESCREVER

De olho na segunda das cinco metas que pretende alcançar até 7 de setembro de 2022 e em sintonia com o pacto nacional pela alfabetização na idade certa, lançado no ano passado pela presidente da República, o Ministério da Educação acaba de instituir mais uma avaliação para estudantes da educação básica na rede pública.

Desta vez, o objetivo é aferir até que ponto alunos do 3º ano do ensino fundamental, na faixa até oito anos de idade, sabem efetivamente ler e escrever. A Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), oficializada por decreto na última segunda-feira, tem a pretensão de contribuir para que, em menos de uma década, 100% das crianças demonstrem habilidades básicas de leitura e escrita. A missão é exequível, mas não pode ser considerada fácil num país de tantas tentativas malsucedidas nessa área e no qual apenas um em cada quatro brasileiros têm hoje domínio pleno das habilidades básicas de leitura, escrita e matemática.

O Brasil, com pretensões de figurar entre as nações desenvolvidas, precisa romper com essa situação em que um percentual tão elevado de adultos não

Apesar de algumas resistências anacrônicas, quanto mais a educação for avaliada, mais o país terá oportunidade de detectar falhas a tempo e de corrigir as distorções.

dispõe desse pressuposto da cidadania e muitas crianças continuam sem alcançar a alfabetização no período adequado. O desafio, portanto, é evitar a repetição da história de muitos países que, num mundo de exigências cada vez mais complexas e diversificadas, não conseguem decifrar o itinerário de um ônibus, nem digitar números num caixa eletrônico, muito menos entender a síntese de um texto simples ou fazer inter-relações entre o mundo da ficção e o da realidade.

Particularmente no caso das crianças, portanto, as metas não podem se restringir à alfabetização, que se constitui numa condição mínima para o exercício da plena cidadania. É preciso que se preocupem também em formar leitores críticos, em

condições mais favoráveis de contribuir para um país melhor.

Com a criação dessa que acaba de ser instituída pelo MEC, agora são três as provas oficiais de avaliação na educação básica da rede pública.

As outras duas são a Prova Brasil, para alunos do 5º e 9º anos do ensino fundamental, e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), aplicado na última série do ensino médio. Apesar de algumas resistências anacrônicas, quanto mais a educação for avaliada, mais o país terá oportunidade de detectar falhas a tempo e de corrigir as distorções com rapidez, evitando que tantas gerações tenham seu aprendizado prejudicado, muitas vezes de forma definitiva.

A questão é que, desde o início do século 20, quando o poeta Olavo Bilac liderou uma campanha para que mais brasileiros aprendessem a ler e a escrever, muitos esforços oficiais e da parte da sociedade organizada se sucedem, sem conseguir zerar o percentual de iletrados. Mecanismos de avaliação de ensino podem ajudar também na luta contra o analfabetismo, mas a precondição é que os programas com esse objetivo não sejam mais descontinuados.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Portal IG	Editoria: Educação	Data: 17/06/2013
Assunto: Em 2012, 1,6 milhão de crianças e adolescentes abandonaram a escola		Página: Online



Em 2012, 1,6 milhão de crianças e adolescentes abandonaram a escola

Censo Escolar mostra que taxas de abandono têm caído, mas ainda são desafio. No Ensino Fundamental, 800 mil alunos deixaram as salas de aula e, no Médio, 795 mil

Cerca de 1,6 milhão de estudantes não completaram o ano letivo em 2012. Segundo dados do Censo Escolar, o abandono ocorreu tanto nas salas de aula do ensino fundamental, quanto do ensino médio. Vale lembrar que as duas fases têm de ser oferecidas pelo governo a todos os estudantes brasileiros, por determinação legal, e o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece também a obrigatoriedade de os pais matriculem seus filhos nas duas etapas.

Para Maria de Salete Silva, coordenadora do Programa de Educação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) no Brasil, os dados são preocupantes. Este ano, o Unicef lidera uma campanha contra a exclusão: "Fora da escola, não pode".

"Todas essas crianças não chegaram ao final do ano na escola. Acho desesperador. Esses estudantes são fortes candidatos a se excluir definitivamente da escola", comenta. Salete ressalta que a taxa de abandono não mostra quantas crianças estão definitivamente fora da escola. Mostra a desistência anual.

A maior parte dos estudantes do ensino fundamental que abandonaram os estudos em 2012 era de escola pública (762 mil). Alagoas detém a maior taxa de abandono, de 7,5%; seguido pela Paraíba (6,6%) e Amazonas (5,6%). São Paulo, que tem o maior número de alunos nessa etapa do País, tem a menor taxa, 0,9% (que representa cerca de 51 mil alunos).

No ensino médio, a maior parte da desistência ocorre na rede pública também. A taxa de abandono nas escolas públicas chegou a 10,4% em 2012, o que representa 760 mil estudantes. Alagoas, de novo, é o Estado com taxa mais alta, de 18,2%. Na sequência, aparecem Amapá (cujas taxa cresceu de 2011 para o ano passado, de 14,5% para 17,7%), Piauí (16,9%), Rio Grande do Norte (que caiu de 19,3% para 16,7% em um ano) e Pará, 16,6%.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

As razões da desistência

O pesquisador da Universidade Federal de Goiás (UFG), Thiago Alves, ressalta que as crianças e os adolescentes excluídos da escola – temporariamente ou não – têm perfis semelhantes: são socialmente vulneráveis, têm baixa renda, muitas trabalham, têm famílias com pouca escolarização. Morar no campo e ser deficiente também agrava a situação.

Salete elenca os fatores que mais afetam essa "fuga": o atraso escolar, provocado por muitas reprovações; o trabalho infantil que dificulta a presença e atrapalha o aprendizado; a gravidez na adolescência e a falta de qualidade de ensino. "Não há universalização de ensino se ele não for de qualidade", afirma. "A pior situação é a dos adolescentes. A escola não está sintonizada com os anseios deles e, grande parte dos alunos, só está lá para obter um diploma", diz.

Em queda

As taxas de abandono vêm diminuindo no País ao longo dos anos. Nos últimos cinco anos, dados mais recentes disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) revelam que, no ensino fundamental, a taxa foi reduzida em 10,87% ao ano nesse período. Em 2007, 4,8% dos alunos não concluíram o ano letivo. Em 2012, 2,7% deles se encontravam na mesma situação.

Motivações: Ensino médio afasta aluno da escola

No ensino médio, a velocidade de queda desse índice tem sido menor, ficando em 7,17% ao ano desde 2007. Naquele ano, 13,2% dos adolescentes desistiram das matrículas e, em 2012, o número baixou para 9,1%. "É importante lembrar que, quanto mais perto de zerar uma taxa, mais difícil é de alcançar o objetivo, por conta das especificidades", afirma Alves.

Apesar de os percentuais parecerem baixos, eles representam muitos: 801.967 crianças que abandonaram o ensino fundamental e 795.801 adolescentes tiveram a mesma atitude no ensino médio.

Mais velhos que o ideal

Um fator que influencia muito a desistência dos estudantes é a quantidade de vezes que repetiram a mesma série, segundo Salete. A distorção entre a idade dos alunos matriculados em cada etapa da educação e a ideal é grande. O Censo Escolar 2012 mostra que, no ensino médio, 2,6 milhões (31,1%) dos estudantes matriculados nas três séries estão dois anos ou mais acima da idade considerada ideal para cursar a etapa (de 15 a 17 anos).

O Pará tem a taxa mais crítica do País, com mais da metade (54,9%) 356 mil dos alunos do ensino médio nessa situação. Os índices também beiram a metade dos estudantes nos Estados do Amazonas (48,8%), Piauí (48,4%), Bahia (47,3%) e Sergipe (45,8%). O Rio de



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Janeiro foi o Estado que mais conseguiu reduzir essa taxa de distorção entre 2011 e 2012. A queda foi de 4,6 pontos percentuais, passando de 40,5% para 35,9%.

Nas outras etapas da educação básica, a taxa de distorção idade-série também é alta, apesar de vir diminuindo nos últimos anos. Nos anos finais do ensino fundamental, 28,2% dos estudantes estão fora da idade ideal para a etapa e, nos anos iniciais, 16,6%. O Estado do Pará possui o maior percentual de estudantes atrasados do País nos anos iniciais (31,6%) e Alagoas nos anos finais (45,6%).



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Folha de São Paulo	Editoria: Editorial	Data: 17/06/2013
Assunto: Ensinar a ensinar		Página: online

EM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL * * * WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S.PAULO

Ensinar a ensinar

Se já não há muita dúvida de que investimentos em educação são vitais para o Brasil avançar social e economicamente, ainda estão longe de ser um consenso quais as melhores medidas para fazer a qualidade do ensino progredir.

O Ministério da Educação caminha na direção correta ao propor um sistema de bonificação para professores que se submetam a curso de aperfeiçoamento. O objetivo é sanar deficiências do docente, com foco em métodos a serem utilizados em sala de aula.

A medida segue fórmula aplicada desde 2012 para professores alfabetizadores, que recebem R\$ 200 mensais para participar de programas com dois anos de duração.

A iniciativa é oportuna porque um dos vícios pedagógicos nacionais é dar muita ênfase a pomposas teorias educacionais e deixar de lado o bom e velho ensinar a ensinar, que tem muito mais impacto na vida do aluno e em seus resultados escolares.

Diante de um incentivo pecuniário, é de supor que profissionais procurarão os cursos por conta própria, com efeitos melhores do que se o aperfeiçoamento fosse imposto a todos.

Acerta também o MEC ao indicar que dará prioridade a matemática, física e química. Tais áreas constituem verdadeiros buracos negros na rede pública. Parte considerável dos professores que lecionam essas disciplinas nem sequer tem formação específica.

Como ocorre em outros segmentos do governo federal, porém, o MEC anuncia programas muito antes de eles estarem suficientemente discutidos e detalhados. Fica a incômoda sensação de que o voluntarismo supera o planejamento, fórmula que não funciona bem nem na economia nem na educação.

O ministério quer começar o projeto já no segundo semestre deste ano, mas ainda não tem orçamento definido para essa finalidade. Não se trata de descuido pequeno: qualquer ação relativa à educação básica envolve números grandiosos.

São 6,9 milhões de matrículas no ensino médio brasileiro. Utiliza-se um exército de mais de 400 mil professores. Para além das dificuldades orçamentárias, há desafios práticos nada desprezíveis.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Seria o caso de perguntar como o MEC pretende atender todos esses docentes. Mesmo que somente uma fração deles procure o aperfeiçoamento, existe número suficiente de profissionais capacitados para treiná-los? O que exatamente será ensinado? De que forma a participação e os resultados serão aferidos?

Um bom projeto precisa trazer respostas a essas perguntas.